

Carta-convite

O analista em formação: da intimidade do privado à expressão no público

A vida humana começa de forma tão íntima que é um dentro do outro. O ventre da mãe torna-se progressivamente menor para o bebê em crescimento, empurrando-o por fim ao ambiente externo – desamparado e sem contorno. É típico que os bebês precisem de contato com a pele da mãe, seu toque gradativamente delimitando e sensibilizando a própria pele. Muitos bebês se acalmam quando são gentilmente constrictos: o embrulho justo da mantinha, do cobertorzinho, simulando de alguma forma aquilo ao qual estavam habituados no ambiente do corpo da mãe. Um espaço pequeno, íntimo e privado.

Gradualmente, e em decorrência de um grande esforço de desenvolvimento, a criança descobre o ambiente da casa familiar e sua família imediata: sua primeira inserção na cultura. As famílias, além de influenciadas pela grande cultura da comunidade, da cidade, do país a seu redor, têm também uma cultura própria, um jeito todo seu de levar a vida e de dar sentido a ela, de organizar as rotinas e os hábitos, de ensinar, de interagir, de odiar e amar. O ambiente da criança vai se abrindo à cultura da família estendida, à casa dos avós e dos tios, à brincadeira dos primos, e à escola, onde a criança descobre, entre outras coisas, que a família de seus amigos também vive sob o regime de culturas próprias, especialmente nos desafios e adversidades: “todas as famílias felizes se parecem, cada família infeliz é infeliz à sua maneira” (Tolstói, 1878/2017).

Na discriminação entre o privado e o público, o indivíduo se constitui. Na experiência de interno e externo – dentro do corpo da mãe, fora do corpo da mãe; dentro e fora de casa, e assim por diante – estabelece-se em paralelo o dentro e fora de si mesmo. E nessa dualidade equilibra sua existência, um balanço contínuo entre o mundo de dentro e o mundo de fora, dois universos habitados pelos outros e por si, num trânsito constante de seus próprios pedaços (Klein,

1946/1982, pp. 317-320), que ora se separam do corpo e da mente, ora são reincorporados, se aglutinam e se cindem, se integram para não mais se separar, ou se separam para quiçá, em algum momento, se reintegrar.

A construção da identidade do analista em formação se dá, também, em um ambiente privado e íntimo – o consultório de seu próprio analista. Ali se vive o primeiro contato com a cultura da psicanálise, uma primeira maneira de ser analista e paciente, sob a influência de um pequenino grupo, assim como foi o grupo familiar. Aos poucos, o analista em formação ganha o mundo: seminários teóricos, clínicos, supervisões, eventos, congressos e grupos de estudo vão deixando-o em contato com a comunidade psicanalítica, com a qual aprende, troca, e também contribui. A instituição psicanalítica formativa tem sua influência para que o analista possa, com eficácia, riqueza, capacidade crítica e condução de si, endereçar-se ao grande grupo social, somando também, à sua maneira, ao desenvolvimento do humano, em comunidade com tantos outros saberes conquistados e lapidados por tantas outras cabeças.

Fazer parte oficialmente de nossa instituição psicanalítica exige do analista em formação uma passagem desafiadora, por vezes dolorosa, de transmitir ideias e impressões contidas no ambiente privado de sua própria mente para o ambiente público da comunicação com seus colegas. A escrita dos relatórios de supervisão clínica, tarefa obrigatória para a conclusão de sua formação, marca esse momento em que ele deve apresentar aos pares a identidade psicanalítica forjada nas várias instâncias da instituição e na intimidade da própria análise.

Convidamos a todos, no primeiro número desta editoria, que espera levar adiante o belíssimo trabalho feito por nossos antecessores, a escrever sobre a experiência da transição do privado ao público no contexto da formação do analista – seus dilemas, sabores e dissabores, as questões que daí emergem, os desenvolvimentos que daí resultam, e os desafios enfrentados na comunicação com a sociedade em geral. Solicitamos que enviem seus artigos para avaliação até a data-limite de 21/02/2025. Também serão aceitos artigos não temáticos. Nossas

normas de publicação encontram-se ao final de cada edição do *Jornal de Psicanálise* e também no site da SBPSP (sbpsp.org.br).

Referências

- Klein, M. (1982). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In M. Klein; P. Heimann; S. Isaacs & J. Riviere, *Os progressos da psicanálise*. LTC. (Trabalho original publicado em 1946)
- Tolstói, L. (2017). *Anna Kariênina*. Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1878)

Editora: Mariana Ali Mies

Editor associado: Rogerio Lerner

Equipe editorial: Alberto da Rocha Barros, Ana Archangelo, Rafael Monteiro Smeke, Rafael P. Tinelli, Robson Thiago Barbosa Nakagawa e Thais Fonseca de Andrade

doi: 10.5935/0103-5835.v58n108.02